

Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 13, Crítica Narrativa

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Ao pensar sobre a crítica literária no Antigo Novo Testamento, examinamos alguns dos traços característicos da última sessão de crítica literária, e o ponto principal a tentar transmitir é que a crítica literária é uma abordagem centrada no texto que tradicionalmente encontrou significado localizado no próprio texto, às vezes colocando entre parênteses questões históricas no que diz respeito à autoria, fontes e formas, e ao contexto histórico, e até mesmo ao mundo externo fora do texto, em troca de focar no mundo no texto, e olhar apenas no texto e sua estrutura e seu funcionamento interno como um determinante de significado. E examinamos uma série de exemplos no Antigo e no Novo Testamento sobre que tipos de perguntas uma abordagem literária poderia fazer, e que tipos de conclusões e resultados poderiam surgir disso também. Para dar mais um exemplo, terminamos examinando as parábolas como um exemplo de como a crítica literária pode funcionar ao analisar as parábolas como literatura ficcional, e analisando-as em termos da estrutura das parábolas, e dos personagens e características principais dentro delas. .

Mas para dar mais um exemplo, curiosamente, para sair da narrativa e olhar para um exemplo de uma epístola, um indivíduo chamado Gustav Freytag sugeriu que Romanos capítulos 1 a 8, para usar um exemplo das cartas de Paulo, Romanos capítulos 1 a 8 que costumamos analisar como uma carta ou uma epístola. Freytag sugeriu que podemos dividir os capítulos 1 a 8 de Romanos em um drama de cinco partes. Ele analisa Romanos a partir da perspectiva de um drama e sugere, por exemplo, que os versículos 16 e 17 do capítulo 1, o que geralmente consideramos como o tipo de tema da carta, onde Paulo introduz a justificação pela fé, ele sugere que é uma espécie de ação incitante, a ação inicial do drama.

E então nos capítulos 1, 18, até o capítulo 4, versículo 25, ele vê uma tensão crescente. E então o capítulo 5 é o ponto de viragem culminante da narrativa. E então os capítulos 6 e 7 são a ação de queda.

E por fim, o capítulo 8 é a resolução do drama. Assim, Freytag vê Romanos capítulo 1 a 8 como passível de ser analisado não apenas de acordo com as convenções comuns de uma carta do primeiro século, mas também a analisa de acordo com um drama. Uma característica interessante de sua análise é a sugestão de que o capítulo 5 é o ponto decisivo da carta.

Alguns esboços modernos de Romanos apresentam uma nova seção começando no capítulo 6, com os capítulos 1 a 5 tratando da justificação, e 6 a 8 tratando da santificação. Mas de acordo com esta análise, o capítulo 5 é o ponto focal principal, o ponto principal inicia uma nova seção dos capítulos 1 a 8 de Romanos. Em contraste com alguns que vêem o capítulo 3, ou talvez o capítulo 8, como a seção principal e ponto da carta. E então este é um exemplo de uma tentativa que em alguns aspectos é muito intrigante e convincente de aplicar elementos literários dramáticos a uma epístola do Novo Testamento.

Assim, tendo examinado uma série de abordagens, abordagens literárias ao texto do Antigo Novo Testamento como exemplos, deixe-me concluir apenas mencionando algumas questões na aplicação da análise literária ao texto bíblico. Em primeiro lugar, está a questão da imposição de estruturas modernas, ou simplesmente da imposição de estruturas e categorias ao texto antigo que podem ou não pertencer. Certamente não é inobjektável por si só, mas ainda assim a nossa compreensão, a nossa análise literária do texto deve ser fundamentada no próprio texto, e em vez de impor uma estrutura ou impor categorias ao texto que realmente não se ajustam e não se encaixam. trabalhar.

Portanto, número um, esteja ciente dos imponentes ou daqueles que impõem estruturas e categorias modernas a textos antigos. Quaisquer estruturas ou categorias devem ser fundamentadas no próprio texto. Uma segunda questão a ter em conta é o perigo de ignorar as dimensões históricas e teológicas do texto.

Como vimos, às vezes a crítica literária tende a colocar entre colchetes ou mesmo descartar questões históricas ou questões históricas relacionadas à autoria e ao contexto histórico-cultural a partir do qual um texto foi produzido, questões de referencialidade fora do texto, especialmente para os cristãos que afirmam que a Bíblia registra a atividade redentora de Deus na história, lidando com as pessoas no contexto histórico e revelando-se em atos históricos. As questões históricas e teológicas não podem ser ignoradas. Portanto, a crítica literária tem muito valor na medida em que lida com o texto em si, na medida em que nos obriga a prestar muita atenção ao texto, em vez de reconstruções hipotéticas por trás do texto ou focar na nossa própria agenda teológica.

A crítica literária nos permite encontrar o texto de novas maneiras. Permite-nos estar em contacto com o próprio texto, mas ao mesmo tempo precisamos de estar conscientes de que é simplesmente uma faceta do empreendimento hermenêutico, na medida em que as questões históricas e teológicas também devem ser consideradas e não podem ser ignoradas. Agora, talvez um subconjunto ou faceta da crítica literária, mais especificamente, seria a crítica narrativa.

A crítica narrativa, novamente, é o estudo de um texto narrativo, uma história do ponto de vista dos tipos de perguntas que seriam feitas a qualquer literatura narrativa em estudos de tipo literário, como perguntar qual é o enredo da história ou fazer perguntas sobre os personagens, como os personagens são retratados, como eles se desenvolvem, como interagem entre si, perguntando sobre coisas como o tempo da história em oposição ao tempo narrativo, ou fazendo perguntas sobre o

ponto de vista da narrativa. Esses tipos de perguntas também foram aplicados ao texto bíblico. Por exemplo, uma explicação comum do texto do ponto de vista narrativo é falar sobre, em vez das categorias tradicionais do autor, o autor histórico, e as circunstâncias, e quem são os leitores, é enquadrá-lo em termos do narrador e o texto.

A voz no texto não se refere necessariamente ao autor histórico, mas quem narra a voz do próprio texto. E depois as narrativas, quem está ouvindo o texto, ou seja, quem vai se identificar com quem está contando a história ou a narrativa. Coisas como ponto de vista, o ponto de vista seria a perspectiva que o autor assume sobre os acontecimentos, qual é a perspectiva do autor enquanto conta a história, enquanto narra os acontecimentos.

E então um dos mais interessantes e significativos é o enredo da história. A maior parte da narrativa, em termos de crítica narrativa, a narrativa é geralmente vista como o movimento ao longo de um enredo que começa com a introdução ou o cenário que apresenta os personagens principais, apresenta um, é a ação instigante da história. O próximo elemento além da introdução ou do cenário seria o conflito ou a crise no texto que, em terceiro lugar, causa uma tensão crescente, há uma tensão crescente no texto e na história que então atinge um clímax, que então experimenta uma resolução.

A resolução traz então uma solução ou resolução para a tensão crescente que foi criada por este clímax ou por esta crise. E depois a conclusão que simplesmente junta todos os fios soltos e leva a história ao seu devido fim. E assim, as narrativas do Antigo e do Novo Testamento, em particular, foram estudadas do ponto de vista do funcionamento literário do texto.

E novamente, fazendo algumas dessas perguntas sobre o narrador e as narrativas e o enredo da história e os personagens, como eles se desenvolvem e como são apresentados, como interagem entre si. E, novamente, às vezes às custas de colocar entre parênteses também questões históricas e preocupações históricas, embora, novamente, essa não seja necessariamente a implicação deste método, mas muitas vezes o acompanha. Mais uma vez, deixe-me dar alguns exemplos do uso da crítica narrativa na análise de textos bíblicos.

Em primeiro lugar, para dar um exemplo do Antigo Testamento, deixe-me dar um exemplo do capítulo 22 de Gênesis, o bem conhecido Akedah, o sacrifício de Isaque, a tentativa de sacrifício de Isaque por Abraão, capítulo 22, 1 a 19. E como a história continua, Deus vem a Abraão e pede-lhe que pegue Isaque e o apresente como sacrifício. E Abraão faz isso.

Ele leva Isaac para as montanhas e o próprio Isaac se pergunta onde vamos encontrar no mundo, onde está o sacrifício? Temos a madeira, estamos todos prontos para partir. Onde está o animal para sacrifício? E Abraão amarra Isaque e o coloca no altar e está pronto para deixar cair a faca. E um anjo, a voz de Deus fornece então um carneiro para o sacrifício.

E essa é a história que termina aí. Pode-se analisar isso segundo a técnica narrativa especialmente do enredo. Por exemplo, a exposição ou cenário encontra-se no capítulo um, onde o narrador indica claramente a intenção de Deus de testar Abraão.

Portanto, toda esta história, desde o início, pretende indicar que Deus está testando Abraão no resto da história. A crise surge no versículo dois, onde Deus ordena a Abraão que sacrifique seu filho Isaque. Agora, para a maioria de nós, isso pode não parecer uma crise, exceto pelo facto de podermos interpretar a crise de forma mais existencial ou psicológica.

A dificuldade é que Abraão está sendo chamado para executar seu próprio filho. E como nos sentiríamos se fôssemos chamados a tirar a vida de um dos nossos filhos? Portanto, vemos este problema principalmente como uma espécie de problema existencial, que sem dúvida tinha algumas dessas dimensões. Mas quando você olha para o contexto mais amplo de Gênesis, a principal dificuldade aqui é que esta é uma ameaça à promessa de Deus.

Isaque não é apenas filho de Abraão. Isaque é a semente prometida, a continuação da promessa de Deus. E agora Abraão está sendo instruído a matar a promessa desta história.

A crise é uma ameaça à própria promessa de Deus. A tensão crescente ocorre então nos versículos três a dez, onde Abraão responde em obediência. Ele irá em frente e matará a promessa.

E novamente, até Isaac pergunta sobre o carneiro que será abatido. Onde está o animal a ser abatido, o que torna a história ainda mais intensa. E a tensão aumenta a ponto de Abraão ter a faca erguida acima da cabeça.

E então vem a resolução nos versículos 11 a 14, onde Deus impede Abraão de desferir o golpe mortal e então fornece um animal para ser sacrificado. E então nos versículos 15 a 19 está a conclusão. A promessa a Deus, a bênção abençoada de Deus a Abraão é reafirmada.

E então a história chega ao fim. Isso é mais um nível micro, apenas uma seção do livro, até mesmo livros inteiros poderiam ser analisados de acordo com estruturas narrativas típicas, como esta exposição ou cenário, uma crise, seguida por uma tensão crescente que atinge um clímax, uma resolução para o tensão e, finalmente, a

conclusão da narrativa. Também se pode analisar os personagens do Antigo Testamento de diversas maneiras.

Alguns críticos narrativos têm manifestado interesse em classificar os personagens se são personagens redondos que se desenvolvem totalmente, discutindo até mesmo suas características físicas e até psicológicas, ou se são personagens planos que não recebem muito desenvolvimento, sejam eles personagens de quadrinhos. Por quadrinhos, não queremos dizer necessariamente que eles fazem você rir, mas comédia, no sentido de que a história tem um final feliz, ou a história tem um final positivo em termos do personagem, ou se o personagem é trágico, que é onde a história sofre um declínio, o personagem encontra um final negativo ou trágico, ou ainda, se o personagem é um personagem principal ou periférico. Os estudiosos têm demonstrado interesse em analisar os personagens de acordo com essas perspectivas, e então como os personagens se relacionam entre si, se um personagem é um contraste, para outro, por exemplo, na história de Eliseu, nas narrativas de Eliseu no Antigo Testamento, é mais, alguns estudiosos caracterizaram Eliseu como um personagem redondo, uma figura redonda, porque ele é descrito e porque ele se desenvolve em vez de ser estático.

Saulo é frequentemente considerado uma figura trágica, na história, em que Saulo, a carreira de Saulo parecia ter uma guinada ascendente, mas no final sofre uma recessão trágica. Na história da chamada história de Davi e Golias, quando você lê a narrativa com mais atenção, o verdadeiro, o verdadeiro conflito não é entre Davi e Golias, o verdadeiro conflito é entre Davi e Saul. Golias parece ser um contraste que Davi e Saul enfrentam.

Saul, claramente, como rei de Israel e encarregado do exército, Golias é o problema de Saul, e Saul não sabe o que fazer. Saul é retratado respondendo com medo e sem saber o que fazer, mas quando Davi confronta Golias, com a ajuda de Deus, Davi

mata o arquiinimigo de Israel. Então Golias é principalmente um contraste para destacar o verdadeiro conflito entre Davi e Saul, e então a verdadeira história não é sobre Davi e Golias, é sobre Davi e Saul, eu acho.

Assim, poderíamos olhar para uma série de textos do Antigo Testamento, e aplicar, aplicar a característica, a metodologia característica de analisá-los em termos de características narrativas comuns, novamente, como enredo, e caracterização, e ponto de vista, narrador, e narrado, etc. O Novo Testamento, novamente, para dar alguns exemplos do Novo Testamento, já vimos as parábolas, então não pretendo necessariamente entrar em mais detalhes. Mas, novamente, muito trabalho narrativo frutífero foi feito na análise, especialmente de seções ou na íntegra, de evangelhos inteiros, Mateus, Marcos, Lucas e João.

Mas mesmo as parábolas, como dissemos, podem ser analisadas de acordo com o seu enredo, quer tenham uma personagem principal, ou duas, ou três, e como interagem. As parábolas muitas vezes têm sido analisadas de acordo com o enredo em forma de U, sejam elas cômicas, ou seja, o enredo dá uma reviravolta, ou sejam trágicas, o enredo dá uma guinada para baixo. Vários analisaram parábolas de acordo com essa perspectiva.

Uma das primeiras tentativas de aplicar a crítica narrativa, ou de analisar os evangelhos a partir de uma perspectiva narrativa ou de história, foi um livro interessante que foi atualizado, mas foi produzido por dois indivíduos nomeados, cujos sobrenomes são Rhodes e Michie. Eles produziram um evangelho, um livro chamado Mark as Story. E o que é interessante sobre este livro é que ele foi co-escrito por um estudioso do Antigo Testamento e por um litro, um professor e estudioso de literatura inglesa.

E demonstram que Marcos é uma história consistente, com um enredo consistente e com caracterização e, novamente, aplicam alguns dos mesmos métodos de narrativa e análise de história ao evangelho de Marcos. O evangelho de Mateus pode ser visto como um desenvolvimento no sentido de uma hostilidade crescente. Parece haver uma tensão crescente ou uma conspiração que enfatiza a crescente hostilidade entre os líderes religiosos e o próprio Jesus.

Começando no capítulo dois, onde Herodes tenta erradicar Jesus, a partir desse ponto, a trama aumenta e a tensão se desenvolve, à medida que, novamente, os líderes religiosos se tornam cada vez mais hostis a Jesus. E a narrativa de Mateus parece estar estruturada, entre outras coisas, para enfatizar isso. O evangelho de João, no evangelho de João, Jesus funciona, obviamente, como o protagonista principal, ou uma espécie de herói do evangelho.

E o resto da história tem a ver com a forma como Jesus interage e se relaciona com várias outras pessoas. Jesus é retratado interagindo e se relacionando com o próprio Deus. Jesus é retratado interagindo e se relacionando com os discípulos, e interagindo e se relacionando com os líderes judeus e outros personagens menores, incluindo o próprio Satanás.

O evangelho gira em torno das respostas dos diferentes personagens, sejam elas aceitáveis ou inaceitáveis para Jesus. E assim o caráter de Jesus é explicado em relação à sua interação com outros personagens dos evangelhos. E depois chama a atenção para as diferentes respostas, especialmente numa secção como os capítulos sete, oito e nove de João, as diferentes respostas de Jesus, que convidam os leitores a alinharem-se, pedindo aos líderes que se alinhem com respostas apropriadas, à luz de as consequências dessas respostas.

Assim, pode-se examinar os personagens dos evangelhos. Neste ponto, vou desacelerar e falar um pouco mais sobre isso, em termos de demonstrar como alguns personagens funcionam no evangelho de João. Na verdade, ambos são personagens relativamente secundários.

E o primeiro personagem que quero discutir é provavelmente o personagem menor, ou pelo menos recebe menos atenção nos evangelhos, e não parece desempenhar um papel significativo. E esse é o personagem de Barrabás, que realmente ocorre nos três evangelhos. Mas é interessante o papel que ele desempenha em John.

E uma das maneiras de examinar os personagens na literatura, especialmente nos evangelhos, uma das maneiras de examinar os personagens, acho que é útil, é examinar sua função no discurso mais amplo, observando que papel o autor lhes atribui gramaticalmente no discurso. texto. Ou seja, para fazer perguntas como essa, um personagem, antes de tudo, um personagem desempenha um papel significativo ao longo de toda a obra? Ou o personagem só surge em um lugar? O personagem emerge em todos os evangelhos, como Jesus, ou os líderes religiosos, ou os discípulos, são obviamente personagens principais e atores principais nos evangelhos? Ou um personagem surge apenas algumas vezes em lugares específicos do evangelho? Segundo, quando o personagem é mencionado, como ele é referido? O personagem é o sujeito, o ator principal, o sujeito dos verbos? O personagem é apresentado como realmente executando a ação dos verbos? Ou o personagem é apenas o objeto? Ele é agido por outra pessoa? Ele nunca faz sua própria ação. Se ele é sujeito de um verbo, ele é sujeito apenas de verbos de ser que o identificam, como Barrabás é, ou Barrabás era um insurrecionista, ou Barrabás era um ladrão? Essa palavra não é uma ação que ele realiza, é simplesmente identificar quem ele é.

Ou ainda, o ator é sujeito de um verbo de ação, de atividades? O ator está realmente fazendo algo na narrativa? Ou ainda, o ator é apenas referido como, novamente, um

objeto de um verbo, ou como um modificador de alguma outra coisa? O ator é, mais uma vez, o ator meramente referido no discurso de outro indivíduo, em vez de ser um participante real na narrativa? E novamente, que tipo de ações estão associadas, ou o participante ou o personagem está associado a tipos de verbos de ação? Eles estão fazendo coisas ou estão apenas vinculados a um verbo que os identifica? Somando tudo isso, pode-se começar a entender qual o papel que a pessoa desempenha. E Barrabás é mencionado. Você encontra Barrabás mencionado apenas algumas vezes nos evangelhos, no evangelho de João.

E o que é interessante é que muito pouco se fala sobre ele. E encontramos no versículo 40, no versículo 40, quando Jesus está sendo julgado, ele é questionado, a multidão é questionada por Pilatos, vocês querem que eu solte o rei dos judeus, que é Jesus? E o versículo 40 é a resposta da multidão. Eles gritaram de volta, não, ele não, dê-nos Barrabás.

E então o autor diz, agora Barrabás havia participado de uma rebelião. Agora isso é um pouco mais fácil de saber no que diz respeito à função. Primeiro, você notará que Barrabás nunca ocorre em nenhum outro lugar da narrativa.

Mas, além disso, observe como ele é referido. Em primeiro lugar, ele é o objeto do verbo dar. E segundo, quando Barrabás é sujeito, ele é sujeito de um verbo de ser.

Ele simplesmente identificou o texto grego. Na verdade, diz ele, agora Barrabás era um rebelde ou um ladrão. Existem diferentes maneiras de traduzir isso.

Mas a questão é que Barrabás parece não fazer nada. Ele não está desenvolvido. Ele não é um ator na narrativa.

Ele só é mencionado para identificar quem ele é. E ele só é mencionado como objeto de um verbo. Concluindo, Barrabás não parece ser uma pessoa significativa na narrativa.

Em vez disso, ele provavelmente representa um contraste. Número um, para enfatizar ainda mais a inocência de Jesus, que a multidão preferiria um rebelde ou um ladrão, um rebelde, que preferiria que ele fosse libertado a Jesus, cuja inocência é claramente demonstrada no capítulo 18. Portanto, a ironia é que eles preferiria a morte de uma pessoa inocente a alguém que é insurrecionista ou rebelde.

Mas em segundo lugar, Barrabás também parece, ao chamá-lo de insurrecionista ou rebelde, a dificuldade então é que as multidões, ao pedirem a sua libertação, parecem cair na mesma categoria. Ou seja, agora eles também se envolvem nessa trama ilegítima. Eles também se envolvem no que é uma atividade ilegal.

Portanto, não apenas Barrabás, mas os seguidores ou as multidões agora participam disso. Então, quando você olha para o capítulo 18, o piloto, as multidões e Jesus parecem ser os personagens principais. Barrabás então é um personagem secundário que, novamente, apenas emerge nesta seção, não desempenha nenhum papel no que diz respeito à execução de ações.

Na verdade, ele é o objeto de um discurso. Ele está inserido em um discurso. E mesmo nesse discurso, ele é o objeto de um verbo.

Ele não faz nada. E então quando João diz, quando João menciona seu nome novamente, simplesmente para identificar seu personagem. Assim, ao olhar para os personagens e como eles parecem ser referidos, os diferentes participantes, como eles parecem ser referidos num texto, diz muito sobre como o autor os vê funcionando.

Outro exemplo de personagem de João em que tenho trabalhado é Satanás ou o Diabo e como ele é caracterizado ao longo do Evangelho de João. À primeira vista, pode parecer que Satanás desempenha um papel bastante integral e significativo no Evangelho de João. E ele é mencionado diversas vezes em vários lugares cruciais.

Mas, mais uma vez, o que precisamos fazer é perguntar: como é o caráter de Satanás ou do Diabo? E há um outro termo usado para se referir ao mesmo indivíduo. O governante deste mundo é usado três vezes. Na verdade, ele é chamado de Diabo três vezes, e depois de Satanás uma vez, e depois de governante do mundo mais três vezes.

Portanto, sete vezes ao todo, Satanás é mencionado. Então, na verdade, Satanás não é mencionado abertamente com muita frequência nos Evangelhos, o que pode sugerir que ele não é um personagem principal ou primário. Mas, em segundo lugar, é importante observar como ele é referido.

O número um é notar, novamente, em um texto como João capítulo 6 e versículo 70. Então esta é a primeira vez que vemos a menção do nome Diabo ou Satanás. E Jesus responde: Pedro acaba de dizer a Jesus: Senhor, para quem iremos? Você tem as palavras de vida.

E então Jesus diz: não escolhi vocês, os doze, mas um de vocês é um demônio. Ou poderia até ser traduzido, um de vocês é o Diabo. E Jesus está se referindo a Judas.

Novamente, o que é interessante é notar aqui que Judas é identificado como um Diabo. O Diabo não desempenha aqui nenhum papel em fazer nada ou realizar qualquer ação. Mas ele simplesmente usa o termo Diabo para identificar Judas.

E além disso, o Diabo está expresso num discurso de Jesus. Então, novamente, o Diabo aqui não desempenha nenhum papel na narrativa, exceto para identificar Judas. O próximo lugar em que ele é mencionado é no capítulo oito e versículo 44, onde Jesus está em conflito com os fariseus.

E a questão é levantada, e isto num contexto de respostas diferentes, apropriadas e inadequadas para Jesus. E Jesus agora o ponto alto de sua discussão em seu debate com os fariseus é encontrado no versículo 44, sobre a questão de quem é o verdadeiro pai dos fariseus. Jesus está trabalhando com uma ideia ou metáfora comum de que a origem de alguém determina seu caráter.

Portanto, os fariseus afirmam que somos filhos de Abraão. E observe o que Jesus diz no versículo 44, você pertence ao seu pai, o Diabo, e deseja realizar o desejo do seu pai. Ele foi um assassino desde o início e não se apegou à verdade, pois não há verdade nele.

Quando mente, fala sua língua nativa, pois é mentiroso e pai da mentira.

Novamente, o que quero que você observe é que o Diabo é referido aqui várias vezes como o Diabo como o pai, mas também com pronomes como ele ou ele. Mas, novamente, quero que você perceba que, na narrativa, Satanás não faz nada.

Ele é simplesmente caracterizado como o pai dos fariseus. E mesmo quando o descreve, mais uma vez, simplesmente o identifica como um assassino. Quando ele faz alguma coisa, ele fala mentiras.

Mas, novamente, tudo isso está embutido no discurso de Jesus. Então Satanás não está fazendo nada, Jesus está simplesmente se referindo a ele e falando sobre ele de forma a demonstrar a verdadeira fonte do seu conflito com os líderes religiosos, com os fariseus. Então aqui, Satanás desempenha principalmente o papel de incitar ou

instigar a atividade dos fariseus, ou dos líderes religiosos, que, se você ler o contexto com mais clareza, o problema com os fariseus é que eles se recusam a ouvir Jesus que fala a verdade, e eles quero matá-lo.

Por causa dessas duas atividades, deixar de acreditar na verdade e querer matar Jesus, Jesus pode dizer: você é do seu pai, o Diabo, que é um mentiroso e que é um assassino. Ele é um assassino e fala mentiras. Portanto, Satanás aqui simplesmente funciona não como personagem principal da narrativa, mas para demonstrar a verdadeira fonte por trás dos participantes principais, os atores principais, que são os líderes religiosos, ou os fariseus.

Satanás é mencionado em, ou Diabo, uma referência ao Diabo em alguns outros lugares. No capítulo 13, versículo 2, estava sendo servida a refeição noturna, e o Diabo já havia induzido Judas Iscariotes, filho de Simão, a retratar Jesus, e Jesus sabia que o Pai havia colocado todas as coisas sob seu poder. Aqui, o Diabo é novamente mencionado, não como ator principal na narrativa.

E observe novamente, ele é apresentado em relação a Judas. Ele já influenciou Judas. Mas, novamente, o personagem principal desta história é Jesus.

Gramaticalmente, esta afirmação de que o Diabo já está alertando Judas é simplesmente um pano de fundo para o que Jesus faz no versículo 4, onde ele vai pegar uma toalha e lavar os pés dos discípulos. Então, mais uma vez, Satanás desempenha um papel menor, um papel insignificante na narrativa. Novamente, não que ele não seja importante, ou não que o próprio Satanás não seja importante, teologicamente, mas estamos perguntando: que papel ele desempenha na narrativa? Como funciona Satanás? Como ele é referido? Como o autor o apresenta atuando na história e na narrativa? O último lugar ao qual Satanás é mencionado é

no versículo 27, no final da mesma história, depois de Jesus lavar os pés dos discípulos e depois de prever a sua traição.

O versículo 26 diz: Jesus então respondeu, eles estão perguntando, quem vai te trair? E Jesus diz: é a quem darei este pedaço de pão depois de mergulhá-lo no prato. Depois, molhando o pedaço de pão, deu-o a Judas Iscariotes, filho de Simão. Assim que Judas pegou o pão, Satanás entrou nele.

Este é o primeiro lugar onde Satanás é sujeito de um verbo, de ação, de fazer. E o primeiro e único lugar em que ele realmente faz alguma coisa em todo o Evangelho de João. Em todos os outros lugares, até este ponto, Satanás foi simplesmente mencionado no discurso ou no início do capítulo 13. Ele funciona em relação a Judas como pano de fundo para Jesus realizar a ação de lavar os pés de seus discípulos.

Agora, pela primeira vez, Satanás realmente faz alguma coisa. Agora, Satanás é mencionado mais três vezes ao longo dos Evangelhos com outra designação ou frase, e esse é o governante deste mundo. Satanás é três vezes chamado de governante, ou algumas traduções têm o príncipe deste mundo.

Então, por exemplo, capítulo 12, versículo 31, Jesus disse, esta voz foi para o seu benefício, não para o meu. Agora é a hora do julgamento deste mundo. Agora o príncipe deste mundo será expulso.

O príncipe deste mundo, ou governante deste mundo, referindo-se a Satanás. Ele é mencionado mais duas vezes no capítulo 14, e também no capítulo 16, e no versículo 11, e em relação ao julgamento, porque o governante deste mundo, ou o príncipe deste mundo, Satanás, agora está condenado. Agora, o que é intrigante, novamente, é que em todos esses casos em que Satanás é chamado de governante deste mundo, ou é rotulado de governante deste mundo, em primeiro lugar, observe novamente

que todas essas referências de Satanás como o governante deste mundo ocorrem na fala de Jesus.

Eles estão incorporados no discurso de Jesus. Então, novamente, na narrativa, o governante do mundo não faz nada. Ele é simplesmente mencionado no discurso de Jesus.

E além disso, em todas as referências ao governante do mundo, Satanás é retratado como sendo julgado. Ele é o único, ele fica impotente e, em todas essas referências, ele agora é condenado ou agora é julgado. Ele é um inimigo derrotado.

O que é interessante são duas outras coisas. A primeira é: observe a ironia de como Satanás é retratado. Exatamente aquilo que Satanás incita outras pessoas a fazer, como Judas e os líderes religiosos, para trair e matar Jesus, isso ironicamente acaba por ser o julgamento de Satanás e a sua queda.

Portanto, nestes casos, quando Jesus se refere a Satanás já sendo julgado, ou agora o príncipe do governante deste mundo está condenado ou julgado, é porque isso está no contexto de uma referência à morte de Jesus, à sua glorificação. Então, ironicamente, o próprio ato de Satanás, lembre-se que vimos a referência ao diabo e Satanás está em conexão com Satanás entrando e influenciando Judas, e sendo o pai, a verdadeira fonte, a origem, o pai das atividades assassinas e enganosas dos líderes religiosos. O que Satanás faz acaba sendo, ironicamente, sua queda e seu julgamento.

Mas outra coisa interessante, observe que nos nomes há um padrão na forma como Satanás é apresentado e nomeado. Quando Satanás é chamado de diabo, ou a única vez que é chamado de Satanás, é sempre com referência, com relação a outros atores humanos, nomeadamente Judas e os líderes religiosos. Assim, quando

Satanás é discutido em relação a outros atores humanos, como Judas e os líderes religiosos, ele é descrito como Satanás e o diabo.

E essa parece ser uma correlação muito adequada. O diabo, significando o acusador, ou Satanás, significando o adversário, o inimigo, este é o papel de Satanás. E provavelmente tanto a palavra diabo como Satanás derivam, pelo menos de acordo com um texto como Apocalipse 12 e versículos 9, da narrativa da criação em Gênesis capítulo 3, onde Satanás enganou e matou e trouxe a morte a Adão e Eva.

Então agora Satanás, ou diabo, é um nome apropriado para usar para a atividade de Satanás de incitar e influenciar Judas e os líderes religiosos a acreditarem numa mentira e a matarem Jesus. É interessante, porém, que quando você encontra Satanás em relacionamento com Deus ou Jesus, ele se refere ao governante do mundo, ou ao príncipe do mundo. Provavelmente porque por alguns motivos, talvez.

Número um, a questão é: quem realmente está no controle? Quem é verdadeiramente o rei do mundo? Há uma batalha ou conflito cósmico, e agora Satanás, como governante deste mundo, se curva diante de outro governante e é derrotado e tornado impotente por outro governante, que é Jesus. Portanto, a questão é de poder e de realeza, e assim Satanás é descrito como o governante deste mundo. Além disso, talvez, porque várias vezes Jesus é descrito como não sendo deste mundo, então Satanás é, em contraste, visto como o governante deste mundo.

Portanto, mesmo na forma como os nomes são usados, há um padrão em que quando Satanás é visto interagindo ou se relacionando com os seres humanos, Judas e os líderes religiosos, ele é retratado como Satanás ou o diabo, que os engana e os incita a acreditar em um mentir e assassinar. Quando ele é retratado em relação a Deus ou Jesus, outros seres sobrenaturais, ele é retratado como o governante deste

mundo, o que demonstra sua derrota, sua perda de poder e sua reverência a outro governante, e está perdendo a guerra cósmica e a batalha cósmica. . Então, olhando para a maneira como um personagem é retratado e apresentado nos Evangelhos, até mesmo gramaticalmente, que papel eles desempenham, são sujeitos de verbos, estão realmente realizando ações, ou são apenas objetos de verbos, são eles? sendo meramente identificados, estão apenas modificando alguma outra coisa, estão incorporados na fala de outra pessoa ou estão realmente desempenhando um papel no mundo.

Tudo isso indica o papel que um ator ou participante desempenha. Então, com base nisso, em João, eu concluiria que Satanás é, embora importante, um personagem secundário no que diz respeito ao papel que desempenha na narrativa. Isso não significa que ele seja menor teologicamente, ou que seja menor em sua influência ou importância.

Isso significa que na narrativa, na medida em que ele é retratado como ator e como participante, ele desempenha mais um papel de apoio ao incitar outros atores humanos a serem enganados e a matar Jesus, em vez de desempenhar um papel importante na atuação ao longo de todo o processo. a própria narrativa. Assim, a crítica narrativa pode frequentemente dizer-nos como funcionam as personagens, como o enredo de uma história pode ser montado, o ponto de vista do autor, e tudo isso ajudando-nos a voltar a lidar com o próprio texto. Como o texto está funcionando? Qual pode ser a estratégia do autor na comunicação? Um, apenas como um aparte novamente, para não se deixar levar muito por isso, mas uma coisa interessante que é interessante por si só em comparação com a forma como a narrativa funciona, mas que também pode ser significativa para ajudar as pessoas a compreender como as histórias e narrativas funcionam, é muitas vezes assistir filmes e perceber como os enredos se desenvolvem nos filmes, como os personagens são retratados, como muitas vezes há tensão crescente e isso é resolvido, e então como

a história é levada à conclusão, como coisas como caracterização ou Cenas de tipo ou repetição ou discurso crucial importante podem funcionar para revelar o significado de uma narrativa ou história.

Um filme em que penso, e espero que alguns de vocês possam se identificar com ele, é um filme antigo, mas quando minha esposa e eu estávamos namorando, o primeiro filme que assistimos foi um filme chamado De Volta para o Futuro, número um. Acho que há três deles agora, De Volta para o Futuro 2 e 3, mas é a história de um adolescente interpretado por Michael J. Fox, alguns de vocês o conhecem, que na verdade viaja em uma máquina do tempo de volta no tempo, e na verdade acontecem certas coisas que ameaçam desfazer e alterar o curso do tempo, e então ele volta no tempo, e felizmente ele é capaz de retificar as coisas, mas quando ele volta ao presente, depois de estar no passado, quando ele finalmente volta de volta ao presente, ele vê que as coisas estão alteradas, mas de uma forma bastante surpreendente e agradável para ele. Mas uma das coisas interessantes desse filme é entender qual pode ser o ponto de vista da narrativa, qual pode ser a mensagem principal e a principal perspectiva e ponto de vista da história.

Há duas coisas interessantes que acontecem nesse filme. A número um é uma frase que se repete em alguns lugares importantes duas ou três vezes, uma delas logo no final, ou seja, você pode fazer qualquer coisa se apenas usar a cabeça. Mas junto com isso é quando você assiste o filme com atenção, percebe quantas vezes essa frase é reforçada por cenas onde a cabeça física aparece, principalmente no final da história, onde o personagem interpretado por Michael J. Fox, que está de volta em o passado, ele precisa voltar ao presente, e ele está em um carro, um DeLorean, que é capaz de fazer isso, e o problema é que o DeLorean trava.

Ele precisa atingir uma velocidade em um determinado momento para ser transportado de volta ao presente, mas o carro para, e o que ele faz? Ele bate a

cabeça no volante e o carro dá partida. Esse tipo de cena em que a cabeça física está envolvida aparece diversas vezes ao longo do filme. Então, juntando tudo isso, a principal perspectiva ou mensagem que o filme está tentando comunicar é que você pode fazer qualquer coisa se apenas usar a cabeça.

Então a narrativa, novamente, a narrativa funciona assim, examinando o enredo, examinando como os personagens são desenvolvidos, como eles interagem, observando discursos cruciais e coisas que se repetem, fazendo os tipos de perguntas que você faria em qualquer narrativa ou história. Ser benéfico para nos ajudar a entender a literatura narrativa. Agora, deixe-me terminar apenas levantando diversas questões relacionadas aos pontos fortes e fracos das abordagens especialmente narrativas do Antigo e do Novo Testamento. Em primeiro lugar, no que diz respeito aos pontos fortes das abordagens narrativas, as abordagens narrativas são valiosas na medida em que prestam muita atenção aos detalhes do texto.

No passado, especialmente para estudiosos evangélicos que consideravam a Bíblia como a palavra inspirada de Deus, como eu, as narrativas eram vistas principalmente como recipientes dos quais se extraía a principal verdade teológica. Portanto, a narrativa era simplesmente vista com valor, na medida em que você a exploraria apenas para extrair o que é a verdade proposicional teológica encontrada na narrativa. Mas as abordagens narrativas ajudam-nos a ver que a narrativa não é apenas um recipiente da verdade, mas comunica a própria verdade.

E assim as abordagens narrativas nos ajudam a prestar atenção aos detalhes do texto, olhando para o enredo, como, novamente, a exposição e a crise, a tensão crescente, a resolução, etc., como os personagens são desenvolvidos, etc., etc. • Ajuda-nos a focar nos detalhes do texto. E dissemos que qualquer abordagem que nos ajude a focar nos detalhes, no texto em si, é certamente bem-vinda,

especialmente para aqueles que consideram a Bíblia nada menos que a palavra de Deus.

Qualquer coisa que nos coloque em contato com os detalhes do texto. Um segundo valor das abordagens narrativas é que elas se concentram no texto como um todo, na forma final do texto, em vez de se preocuparem com as formas por trás do texto ou na reconstrução das fontes, sejam elas hipotéticas ou não. Em vez disso, mais uma vez, consistentes com uma compreensão da inspiração, as abordagens narrativas ajudam-nos a concentrar-nos no texto como um todo, na forma final do texto, em vez de dissecá-lo e perguntar sobre as origens e fontes.

Não que isso não seja, não possa ser valioso, mas, em última análise, temos de lidar com a forma final do texto, o texto como um todo, tal como está. E a crítica narrativa pode nos ajudar a fazer isso. Na verdade, a crítica narrativa às vezes pode nos ajudar a ver a unidade no texto onde antes se pensava haver desunião ou conflitos ou contradições ou talvez uma espécie de tesoura e cola na origem da montagem do texto.

Às vezes, abordagens narrativas e literárias podem nos ajudar a ver como o texto é realmente uma unidade coerente. O número três são as abordagens narrativas e a crítica narrativa nos lembra novamente, em relação ao número dois, mas nos lembra que o texto em si é o locus do significado, não a atividade por trás dele. E mais uma vez, isso deve ser bem recebido pelos evangélicos para quem as Escrituras são textos inspirados, a palavra de Deus.

Assim, tanto quanto fazer perguntas sobre a origem do texto e o contexto da produção, em última análise, precisamos nos concentrar no próprio texto. O número quatro é que as abordagens narrativas nos lembram que os textos vêm antes da teologia. Os textos narrativos do Novo Testamento e do Antigo Testamento não são

apenas pretextos para os nossos próprios esquemas teológicos e para apoiar as nossas próprias construções teológicas, mas, em vez disso, a teologia depende da análise de textos.

E por causa disso, também as abordagens narrativa e literária nos lembram que a nossa teologia deve levar em conta todos os dados e todos os detalhes do texto, e não apenas aqueles que selecionamos. No passado, muitas vezes ouvi, quando aprendi hermenêutica e interpretação, interpretação muito bíblica, muito cedo, muitas vezes ouvi algo assim: você não deveria basear sua teologia em histórias e narrativas. O problema maior é que grande parte da Bíblia está na forma de história e narrativa.

O problema não é basear minha teologia em narrativa e história. O problema é não saber como as narrativas e a história funcionam para comunicar a teologia. Número cinco, um quinto ponto forte é que as abordagens narrativas nos lembram e focam na estética e nos efeitos do texto.

Às vezes é válido ler o texto, e estou convencido de que às vezes as histórias, as histórias bíblicas foram contadas de uma forma não apenas para comunicar teologicamente, mas por causa do efeito. Então, novamente, as narrativas não são apenas recipientes para a verdade teológica proposicional. Novamente, às vezes as histórias existem pelo efeito, pela intriga e pelo impacto literário que têm.

E então, número seis, acho que um dos pontos fortes de uma abordagem narrativa é que ela nos abre para novos insights no texto que talvez não tenhamos visto antes ou que possamos ter esquecido. Para mencionar apenas alguns pontos fracos das abordagens narrativas que se sobrepõem ao que já dissemos sobre as abordagens literárias em geral. Número um, às vezes as abordagens narrativas correm o risco de ignorar as dimensões históricas do texto.

Não se pode enfatizar o enredo e o personagem, etc., e perder o contexto histórico ou a referencialidade histórica do texto. Mais uma vez, especialmente para os evangélicos que estão convencidos e para os cristãos que estão convencidos de que a Bíblia não é nada menos do que um registo dos actos de Deus na história em favor do seu povo, uma revelação de Deus, Deus revelando-se na história, para que a história de o texto está perdido. Em vez disso, precisamos ser lembrados de que os textos têm um autor que os produziu.

Eles são escritos na linguagem que as pessoas usaram para entendê-los. Eles foram produzidos em um contexto histórico específico. Portanto, às vezes precisamos estar conscientes do perigo de perder a história, ignorando as dimensões históricas do texto.

Número dois, o perigo de perder ou ignorar as dimensões teológicas do texto. Isto é, temos que lembrar que esta não é apenas a Palavra inspirada de Deus, mas que temos uma coleção inteira de documentos do Antigo Novo Testamento que a igreja reivindica como sua escritura, como a própria Palavra de Deus que testifica da atividade redentora de Deus para seu povo, em última análise, na pessoa de Jesus Cristo. E finalmente, em terceiro lugar, alguns dos métodos e categorias podem correr o risco de serem importados para o texto.

E temos sempre que levantar a questão: podemos usar categorias modernas de ficção e literatura moderna para analisar e compreender textos antigos? Isso não quer dizer que não possamos. É apenas para garantir que o próprio texto determine a forma como o analisamos e deve controlar os tipos de perguntas que fazemos, o tipo de categorias que lhe trazemos. Portanto, dadas essas advertências, essas fraquezas, as abordagens centradas no texto da crítica literária e da crítica narrativa podem ser ferramentas valiosas para nos ajudar a ver o texto de novas maneiras e a

olhar para o texto como um todo, olhando para os detalhes do texto e compreendendo como funciona e como Deus se revela através de histórias e narrativas ao seu povo hoje.

Na próxima sessão, examinaremos mais duas abordagens literárias, ou melhor ainda, abordagens centradas no texto, abordagens que dão precedente ao próprio texto. E isso seria o estruturalismo, que trataremos muito brevemente e explicarei porquê. E então a crítica retórica ou abordagens retóricas que não estão completamente divorciadas das questões históricas e das questões do autor, mas, novamente, focam no texto como um todo e olham para o funcionamento interno do texto e olham para o texto em si, ou para o texto principalmente, como o locus do significado ou o lugar da atividade interpretativa.